

PARCERIA FIXA OU PARCERIA OCASIONAL? PRODUÇÃO DE CONFIANÇA E DESPREOCUPAÇÃO COM O SEXO MAIS SEGURO PARA O HIV ENTRE HOMENS QUE FAZEM SEXO COM HOMENS

Luís Felipe Rios¹ , João Pedro Souza Dias² 

FIXED PARTNERSHIP OR OCCASIONAL PARTNERSHIP? CONFIDENCE-BUILDING AND LACK OF CONCERN ABOUT SAFE SEX FOR HIV AMONG MEN WHO HAVE SEX WITH MEN

¿PAREJA FIJA O PAREJA OCASIONAL? GENERAR CONFIANZA Y DESPREOCUPACIÓN POR EL SEXO MÁS SEGURO PARA EL VIH ENTRE LOS HOMBRES QUE TIENEN RELACIONES SEXUALES CON HOMBRES

Resumo: O texto explora os sentidos de parcerias fixas e casuais na interface com o sexo anal sem preservativos (SASP), importante forma de infecção do HIV entre homens que fazem sexo com homens (HSHs). Analisa 38 entrevistas com HSH residentes na Região Metropolitana do Recife (RMR). Nos inquéritos comportamentais, a noção de parceria fixa pressupõe monogamia e exclusividade sexual e a de ocasional sugere vínculo fortuito, momentâneo. Os resultados mostram que a confiança no parceiro é um importante descritor e justificativa das cenas de SASP, ela emerge em parcerias amorosas (namoro, casamento, união estável), mas também é presente em pessoas com as quais se tem sexo com regularidade, nomeadas como conhecidas, de certo modo colapsando as categorias dos inquéritos comportamentais.

Palavras-Chave: HSH; Homossexualidade; Prevenção; Parcerias sexuais; HIV/AIDS.

Abstract: The paper explores the meanings of fixed and casual partnerships within the anal sex without condoms interface (ASWP), an important form of HIV infection among men who have sex with men (MSM). It analyzes 38 interviews with MSM living in the Metropolitan Region of Recife (RMR). In the behavioral surveys, the notion of fixed partnership presupposes monogamy and sexual exclusivity, while that of occasional suggests a fortuitous, momentary bond. The results show that trust in one's partner is an important descriptor and justification for SASP scenes. It emerges in romantic partnerships (dating, marriage, stable union), but is also present among people with whom one has sex regularly, referred to as acquaintances, collapsing, in a way, the categories of the behavioral surveys.

Keywords: MSM; Homosexuality; Prevention; Sexual partnerships; HIV/AIDS.

Resumen: El texto explora los significados de las parejas fijas y ocasionales en la interfaz con el sexo anal sin preservativo (SASP), una forma importante de infección por VIH entre hombres que tienen sexo con hombres (HSH). Analiza 38 entrevistas con HSH residentes en la Región Metropolitana de Recife (RMR). En las encuestas de comportamiento, la noción de pareja fija presupone monogamia y exclusividad sexual, y de la pareja ocasional sugiere un vínculo fortuito y momentáneo. Los resultados muestran que la confianza en la pareja es un importante descriptor y justificación de las escenas de SASP, que surge en las parejas amorosas (noviazgo, matrimonio, unión estable), pero también está presente con las personas con las que se tienen relaciones sexuales habitualmente, denominadas como conocidas, en cierto modo colapsando las categorías de las encuestas de comportamiento.

Palabras clave: HSH; Homossexualidad; Prevención; Parejas sexuales; VIH/SIDA.



¹ Doutor em Saúde Coletiva. Professor Titular. Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva, Recife, Brasil. lfelipe.rios@gmail.com

² Graduando em Psicologia. Universidade Federal de Pernambuco, Departamento de Psicologia, Recife, Brasil. ifsouza.dias@ufpe.br

Introdução

Este trabalho aborda os contextos de uso de medidas de prevenção ao HIV de homens que fazem sexo com homens (HSHs), por meio de dados resultantes de pesquisa etnográfica, realizada na Região Metropolitana do Recife (RMR), entre 2019 e 2022. Ainda é grande a vulnerabilidade de HSHs ao HIV no Brasil. Dados oficiais do ministério da saúde informam que

de 2007 a junho de 2023, nos indivíduos com 13 anos ou mais de idade, a principal categoria de exposição no sexo masculino foi a de homens que fazem sexo com homens – HSH (52,6%) (...), nota-se elevação e predomínio de casos em HSH com até 39 anos de idade, na comparação do ano de 2016 com 2022. Entre esses anos, o percentual de casos detectados na faixa etária de 13 a 19 anos passou de 70,7% para 73,0% em HSH; na de 20 e 29 anos, de 66,7% para 70,0%; e na de 30 a 39 anos, de 47,4% para 51,4% (Brasil, 2023, p. 14).

No último estudo brasileiro de prevalência do vírus entre HSHs (2016), essa foi de 18,4%, 21,5% no Recife (Kerr *et al.*, 2018). Resultados sintonizados com os dos inquéritos comportamentais, que apontam como abaixo da média os níveis de conhecimentos necessários para tomar as devidas medidas de proteção ao HIV (Gomes *et al.*, 2014), e o uso inconsistente de camisinha nas práticas sexuais (Antunes; Paiva, 2013; Rocha *et al.*, 2013; Rios *et al.*, 2022). Resultados de inquérito comportamental realizado por nossa equipe entre 2016 e 2017, na RMR, com a participação de 380 HSHs, mostram que o sexo anal sem preservativo (SASP) foi relatado por 56,6% dos respondentes em parcerias fixas e 30,2% nas parcerias ocasionais (Rios *et al.*, 2022).

Considerando que, até bem recentemente, o uso do preservativo era a principal medida de prevenção, pesquisadores/as ampliaram as investigações sobre o seu uso, considerando não apenas as modalidades de parceiros (fixos e casuais), incorporando os critérios para a decisão pelo SASP e de práticas alternativas de gestão do risco (PAGR) às propostas pela saúde pública (Ferraz; Paiva, 2015).

No caso brasileiro, a dimensão programática, relacionada às mudanças nas políticas de enfrentamento à epidemia, vem, por mais de duas décadas, comprometendo ainda mais a situação, com a diminuição de campanhas de prevenção, especialmente as voltadas para HSHs (Kerr *et al.*, 2018, Paiva; Antunes; Sanshez, 2020).

No que se refere aos aspectos intersubjetivos, estudos mostram que alguns HSHs fazem uso do conhecimento sobre as evidências científicas para pautar suas PAGR (De Luís, 2013), nomeadas de comportamentos soroadaptativos. As principais categorias são o soroposicionamento (escolha da posição sexual no SASP em função da sorologia do parceiro), coito interrompido (popularmente conhecida como "gozar fora") e a soroescolla (SASP com parceiros de mesma sorologia) (Ferraz; Paiva, 2015).

Ainda sobre os aspectos intersubjetivos, a literatura chama atenção para emoções tais como amor e tesão, que vão se coadunar às modalidades de parcerias, ao conhecimento dos hábitos dos parceiros e à aparência saudável, na emergência de SASP (Antunes; Paiva, 2013; Grace *et al.*, 2014; Nodin *et al.*, 2014; Eaton *et al.*, 2009; Rios *et al.*, 2019).

No inquérito realizado na RMR, os respondentes que relataram SASP eram solicitados a responder algumas questões sobre elementos das cenas (parceiros, uso de mediadores, contextos sociais e intersubjetivos) do último encontro sexual sem uso do preservativo. No caso das parcerias fixas, a confiança no parceiro foi a emoção mais recorrente (76,2%), seguida por tesão (50,8%), fidelidade (46,9%), apaixonamento (32,3%) e amor (32,3%). No caso das parcerias casuais, 51,4% dos entrevistados mencionaram tesão e 35,7% confiança. Vale destacar que 58,6% relataram que conheciam a pessoa e 35,7% que a pessoa era um amigo (Rios *et al.*, 2022).

Podemos dizer que as emoções que justificam o SASP nas parcerias fixas parecem articuladas e respaldadas nas repronarrativas e reprodutividades que sustentam a heteronormatividade (Warner, 1991) da sociedade brasileira e das comunidades gays, calcadas no primado da monogamia e fidelidade entre os parceiros. Ou seja, a confiança, engendrada pelo tesão e apaixonamento e pelas expectativas de fidelidade, abre espaço para a vivência do SASP.

No entanto, parece "sem lógica", dentro do esquema cultural mencionado, os percentuais sobre as emoções nas cenas de parcerias ocasionais, ainda que os integrantes da cena sejam conhecidos e amigos. Buscaremos, então, responder à seguinte indagação: como se produz confiança em parcerias ocasionais, usada como explicação para 1/3 dos respondentes que vivenciaram SASP?

Seguindo este caminho, o texto reflete sobre as próprias noções de parceria fixa e parceria ocasional, importantes operadores empíricos de análise, observando nas narrativas como essas categorias éticas se articulam com as categorias êmicas sobre vinculações afetivas, sobre as emoções referidas e sobre as disposições para o SASP.

Metodologia

O estudo faz parte de uma pesquisa de enfoque etnográfico que vem acontecendo desde 2013. A fase, objeto deste texto, foi realizada entre março de 2019 e fevereiro de 2022, por meio de observação do participante em espaços de homosociabilidade e 38 entrevistas com HSHs residentes da RMR.

Foi produzida uma amostra de conveniência, na qual foram entrevistados homens cisgêneros, de idade variando entre 20 e 38 anos; 23 eram negros, 13 brancos, um amarelo e um não se autot classificou por raça; sete possuíam o ensino médio, 19 curso superior incompleto, 11 curso superior completo e um ensino técnico.

As entrevistas abordaram dois eixos temáticos: 1) lugares de homosociabilidade e suas dinâmicas; 2) práticas sexuais e soroadaptativas e novidades da prevenção. Para este texto focamos em duas questões do segundo eixo, as quais solicitaram descrições das três últimas cenas sexuais com e sem o uso de preservativos. As descrições permitiram visualizar os contextos sexuais (envolvidos, locais, horários, métodos de prevenção) e as emoções que emergiram relacionadas às práticas preventivas.

O modelo de análise foi o da dupla hermenêutica, operacionalizado pela análise temática de conteúdo (Rios; Galvão, 2022). O projeto foi aprovado pelo comitê de ética em pesquisa da UFPE. Para garantir o anonimato dos interlocutores, utilizamos nomes fictícios para caracterizá-los no texto.

Resultados

É importante ressaltar que a coleta dos dados aconteceu em um período cujas campanhas voltadas ao HIV/Aids foram escassas, tendo como principal ambiência a internet, e voltadas para homens cisgêneros heterossexuais. Em adição, em 2020, a pandemia da Covid-19 se tornou o principal problema de saúde a ser enfrentado, desmobilizando ainda mais as estratégias governamentais de prevenção do HIV (Epic, 2020), já bastante afetadas pela onda conservadora nas diferentes instâncias do Estado (Paiva; Antunes; Sanshez, 2020,).

Embora a Profilaxia Pré-Exposição (PrEP) já figurasse como recurso na política da "prevenção combinada" desde finais de 2017 (Brasil, 2017), nenhum de nossos interlocutores afirmou fazer uso dela. Ainda assim, 28 deles já haviam ouvido falar da PrEP e 25 demonstraram saber como ela funcionava. Números semelhantes se configuram em relação ao conhecimento da profilaxia pós-exposição (PEP), disponível para a população desde 2010. Nesse caso, houve quatro relatos de uso.

Os recursos para práticas de gestão de risco propostos pela saúde pública mais utilizados foram a camisinha externa e a testagem - como modo de saber a condição sorológica após a exposição ao risco, e, em menor medida, para dar suporte à soroescolla. Para a grande maioria de nossos interlocutores, o uso da camisinha foi utilizado de modo inconsistente, ou seja, não era usada em todas as interações sexuais. Apenas 6 entrevistados não relataram SASP.

Nas narrativas, identificamos que a vinculação com os parceiros era um fator importante para a decisão pelo SASP. Foi mais comum identificar cenas de SASP entre namorados e pessoas que viviam juntas (casados ou em união estável) e com amigos e pessoas conhecidas. Menos comuns, mas não inexistentes, foram o SASP com pessoas desconhecidas.

Conhecidos

André (26 anos, negro, solteiro, superior incompleto) relata que usou preservativo na última "transa"/ter sexo: "porque eu não conhecia a pessoa, Né?! Fiquei 'meio assim', aí eu usei... É porque, com quem eu transo, com quem eu transava, né?! Era já acostumado a transar com essa pessoa, aí eu não usava, entendeu?"

As últimas cenas de SASP de Adalberto (25 anos, amarelo, namorando, superior incompleto) foram

com um primo, com quem já tinha costume de “ficar”/ter sexo. Ele justifica que “não tinha essa vida ativa de ficar com outras pessoas, só era eu e ele. Então, a gente colocou isso na cabeça, que não precisava.” Qualifica a transa sem camisinha como mais prazerosa: “melhor o calor humano.”. Sublinha: “Eu não usei (a camisinha) com meu primo, foi a questão da confiança; em questão da gente ter essa rotina de ficar, né?! Só eu e ele.”.

Comentando sobre as últimas cenas de SASP, Fabrício (25 anos, branco, solteiro, ensino médio) também relatou que a confiança existente entre ele e o parceiro sexual fez com que não houvesse a preocupação de usar a camisinha, ainda que esta estivesse disponível. “É, não foi combinado. Foi nada combinado. Foi uma coisa assim: momentânea mesmo. (...) Foi com a mesma pessoa de sempre. (...) Acho que pelo fato também de ambos confiarem um no outro.”.

Alan (28 anos, negro, solteiro, ensino médio) também coloca a confiança como um fator que levaria à dispensa do preservativo, seja com um amigo de longa data, seja com um ex-namorado, com quem mantinha certa frequência de interações sexuais: “a gente sempre que se encontra e vai ficar, acontece de ficar, a gente faz sem. Por questão de já se conhecer há muitos anos e tal... Nunca ter tido nenhum problema... E aí a gente faz sem.”. Nas cenas narradas, a confiança por conhecer o parceiro é elemento fundamental na justificativa do SASP.

As últimas três sem camisinha foi **com o “P-A” e rolou assim: a gente já se pegava a um time já e sempre com preservativo**, mas com o tempo teve aquela coisa da confiança e uma coisa que eu não abro mão assim de... eu amo transar sem camisinha, mas para isso eu quero papel na mesa de todos os exames. Então rolou, né? **Ele fez todos os exames direitinho e foi aí que rolou as três últimas sem camisinha.** (Alisson, 28 anos, branco, solteiro, ensino médio).

O termo ‘P-A’, do relato de Alisson, significa, “*pau/pênis amigo*”, termo recorrente na comunidade gay para se referir a alguém com quem se transa com frequência, mas com o qual não há vínculos amorosos (monogâmicos ou não monogâmicos).

Também chama atenção no relato de Alisson a emergência da testagem como condição para o SASP. Como ele, Bento (25 anos, negro, namorando, ensino médio) também dá relevância à testagem para HIV no contexto amoroso, criando uma certa ambiência favorável para que, ocasionalmente, a camisinha deixe de mediar o sexo entre ele e o namorado:

Foi momento, foi momento. Momento, momento. Nada tipo específico. Aí **a gente sempre faz teste rápido** e etc. Então, **a gente sempre fica meio numa linha de segurança com relação a isso.** (...) [E por que tu acha que, por exemplo, não usou camisinha essa semana?] Então, aí **foi preguiça mesmo.** Porque tinha que ir lá buscar.

Certamente, nas cenas narradas, o crescente de tesão é chave para criar disposição para o SASP. No relato de Bento, o tesão é pano de fundo para a preguiça, na dispensa da camisinha, mesmo que disponível no ambiente.

Jonny (22 anos, negro, solteiro, ensino médio) conta uma das transas sem camisinha em que o tesão emergiu adjunto ao álcool e à PrEP. Todavia quem faz uso da profilaxia foram os parceiros e não ele.

A penúltima foi com uns amigos meus. **A gente foi beber e tals.** (...) Depois fomos pra casa de um dos meninos. Depois a gente começou a beber mais. Aí rolou. Foi com três pessoas também, e rolou. Tava muito massa, pois **como eu conhecia eles já, foi de boas.** E pronto, **eles falaram que optaram por isso porque faziam PrEP**, que é um negócio meio que... toma um remédio e meio que inibe o HIV. Mas, eu sei que isso é só contra HIV, porque tem transmissão de outras coisas” (Jonny).

Desconhecidos

O tesão emerge tanto nos casos em que existe algum tipo de familiaridade, conhecimento e confiança, mas também com pessoas estranhas, quando se torna, junto ao álcool e outras drogas, a principal explicação nas narrativas de SASP.

Wellington (21 anos, negro, solteiro, ensino técnico) comenta como o tesão prevaleceu na opção por não usar a camisinha, ainda que tivesse solicitado esse uso, a priori:

Fui! A gente começou a se pegar e tal... A ficar... Rolou o clima mesmo. E aí, na hora de botar a camisinha - eu quem fui o ativo com ele -, (...) ele disse que não precisava. Minha consciência pesou legal, só que tava um fogo muito grande. **O tesão falou mais alto, tava realmente**

uma coisa, assim, fora do controle. E aí, como ele disse: “Ah não precisa e tal...” Eu simplesmente penetrei ele e a gente começou a transar. Aí, foi aí que acabou e eu fiquei: “meu deus do céu!” (Wellington)

Como Jonny, Pedro (24 anos, negro, namorando, ensino médio incompleto) relata o uso de álcool e outras drogas no contexto de SASP.

Conscientemente eu sei que era pra ser usado, eu sei que era o certo a se fazer, eu sei que era pra fazer, **mas a verdade que eu tava muito doido, tava drogado**, tava deitado, tava assim eu nem sei.. Tava muito doido e nem me lembro direito, sei que rolou, então, é isso. (...) [Teve uso de álcool, no caso?] Aham, álcool, álcool, drogas e bebidas, drogas, drogas, enfim. [...] [É, mas como foi marcada a transa?] Não, não foi marcada a transa, foi tipo a gente tava ... Foi uma festa no motel. (Pedro)

Nas entrelinhas das cenas, em que o conhecimento sobre o parceiro, o tesão e o álcool aparecem como recorrentes na explicação do que favoreceu o SASP, um elemento é pouco explorado discursivamente, mas certamente medeia a disposição para SASP: a aparência saudável. Essa é explicitamente nomeada por Miguel (27 anos, não quis informar raça, solteiro, ensino médio):

Não levei camisinha, não, mas ele tinha camisinha. Só que a gente não usou. Eu simplesmente ignorei. Eu acho que por ser, é uma merda a gente dizer isso de que a gente **confia na imagem da pessoa**. É nesse confiar na imagem da pessoa que a gente toma no cu, né?! (Miguel)

Discussão

A aparência saudável vem sendo identificada nos inquéritos comportamentais como importante no SASP (Antunes; Paiva, 2013; Rios *et al.*, 2022), mas nem sempre é objeto de reflexão espontânea em situações de entrevista. Como discutem Rios *et al.* (2019), mesmo não nomeada, é critério de uma avaliação irrefletida para uma presunção da sorologia do parceiro, como explicita Miguel.

Rios *et al.* (2019) localizam na própria história social da epidemia as categorias utilizadas para a presunção, que configuram estilizações de saúde e doença relativas ao HIV/Aids. A saúde é expressa na categoria "beleza" e a doença na categoria "magreza". A enfermidade enquanto magreza remete a um ícone da epidemia: o Cazuzza nos últimos anos de sua vida. Mas, a história social da Aids produziu outras imagens, que acionam outros sentidos que também conduzem as interações. Magic Johnson, jogador de basquete norte-americano, tornou-se o signo de um importante erro de atribuição: inferir soronegatividade para o HIV a partir da aparência atlética e jovial. Os interlocutores sabiam da existência do "soropositivo de aparência saudável" e, após as transas e fins de relacionamentos amorosos, sentiam medo, arrependimento e vontade de se testar. Com a testagem, o alívio.

Se a pessoa passa no crivo da aparência, o próximo passo na "avaliação" irrefletida é o do conhecimento sobre o parceiro, também recorrente em outros estudos (Grace *et al.*, 2014; Nodin *et al.*, 2014; Rios *et al.*, 2019, 2022). As análises apresentadas acima permitem ir um pouco mais adiante na interpretação e questionar as próprias categorias usualmente utilizadas no levantamento de dados: parceiros fixos e parceiros ocasionais. Os termos usados nos formulários de pesquisa para esclarecer sobre o que se está nomeando como parcerias fixas são "namorados", "casais em uniões estáveis", "casados" ou "casos"³. Com excessão do relato de Adalberto, em todas as outras cenas de sexo ocasional, a confiança não está relacionada à exclusividade sexual entre parceiros. Ela se produz a partir da frequência de encontros sexuais com alguém, o que borra a dicotomia parceiro fixo *versus* parceiro ocasional.

A vinculação capaz de produzir SASP tem a ver com uma certa rotina de encontros capaz de gerar confiança. Nesse contexto, a categoria P-A pode ser compreendida como um parceiro fixo, mesmo estando fora das repronarrativas que reiteram a essencialização da monogamia em sociedades como a brasileira. Sugerimos que é preciso ter mais cuidado com as categorias de nomeação das modalidades de parcerias, de modo que não contribuam para encobrir o que ocorre, perdendo a capacidade de descrever as experiências pessoais.

Considerando o novo contexto da prevenção é importante avançar na desestigmatização das homossexualidades, incluindo não apenas as práticas sexuais, mas também as muitas modalidades de parcerias

³Termo em desuso nos meios acadêmicos e militantes atuais, que remete a uma parceria regular com alguém, que podia tanto residir juntos ou se encontrar esporadicamente, ou mesmo significar um relacionamento duradouro extraconjugal.

sexuais que ainda são situadas como “perigosas” e facilitadoras de “contágio” (Sousa *et al.*, 2021). O “sexo a três” e a “suruba”, dentro e fora de “relacionamentos abertos”, são bastante recorrentes nas redes de sociabilidade de HSHs. As políticas de saúde devem incorporá-las como condições e não obstáculos ao cuidado (Rios *et al.*, 2022).

O manual de implementação da PrEP prescreve que esta deve ser oferecida para HSHs que tiveram “*Relação sexual anal (receptiva ou insertiva) ou vaginal, sem uso de preservativo, nos últimos seis meses E/OU Episódios recorrentes de Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) E/OU Uso repetido de Profilaxia Pós-Exposição (PEP)*” (Brasil, 2017: 17). Mais recentemente, foi ampliado o público beneficiário da PrEP, incluindo adolescentes. Mas, os usuários ainda são pessoas com mais acesso à informação (HSHs mais escolarizados e brancos). Do mesmo modo, ainda há resistência de profissionais de saúde para oferecê-la, especialmente por não proteger de outras ISTs (Santos; Grangeiro; Couto, 2022; Dean, 2023; Santos *et al.*, 2023).

Certamente, muitos profissionais de saúde não oferecerão PrEP como forma de prevenção para pessoas em relações amorosas, ainda que cumpram o primeiro critério, pressupondo a parceria monogâmica e a fidelidade. Nessas parcerias, as muitas cenas que temos coletado mostram que, em poucos meses, às vezes semanas ou dias, é comum a retirada do preservativo sem testagem ou negociação, por amor, mais intimidade e prazer sexual (Rios *et al.*, 2019; 2022).

As cenas também mostram que o tesão e as drogas são importantes elementos que devem ser considerados na gestão de risco, e acontecem dentro e fora de relacionamentos amorosos (conjugais e extraconjugais), com conhecidos e com desconhecidos (Antunes; Paiva, 2013; Sousa *et al.*, 2021; Rios *et al.*, 2022). Sublinhamos que confiança, principal justificativa para as cenas de SASP, tem a ver com a recorrência de encontros com uma mesma pessoa, que inclui mas não está restrita às parcerias amorosas.

Esse conjunto de roteiros sexuais pode ser tomado como caminho para um aconselhamento em saúde sexual dialógica (Galindo; Francisco; Rios, 2013), que permita as experiências sexuais se revelarem, de modo que os planos de gestão de risco possam ser produzidos considerando não apenas a exposição ao HIV e outras ISTs, mas também inclua os desejos e emoções, na reflexão sobre melhores escolhas protetivas e prazerosas no cardápio da prevenção combinada.

Considerações finais

Outras motivações concorrem para o SASP, como a própria ausência de insumos na cena sexual, desconfortos causado pelo látex relacionados a alergias ou perda da ereção, ou mesmo ao aumento de prazer por transgredir a norma e/ou pelo sentimento de maior intimidade, elementos abordados em outros textos (Rios *et al.*, 2019; 2022). Neste texto, exploramos qualitativamente os sentidos de parcerias fixas e casuais. Demonstramos que os relatos de nossos informantes não estão em completa sintonia com as definições das categorias utilizadas nos inquéritos comportamentais. A noção de parceria fixa é marcada pela pressuposição da monogamia e exclusividade sexual, a de parceria ocasional é significada como vínculo fortuito, momentâneo.

Faz mais sentido para desvelar e compreender cenas de SASP o fato dos parceiros serem conhecidos ou desconhecidos. Ainda assim, a categoria conhecido não está associada a uma relação de intimidade em contextos extra-sexuais, tem a ver com frequência de encontros. A confiança emerge em parcerias amorosas (namoro, casamento, união estável), mas também é presente com pessoas com as quais se transa com regularidade - colapsando as categorias dos inquéritos comportamentais.

Essa discussão é importante não apenas para aperfeiçoar os instrumentos de coleta de dados, de modo que permitam aprofundar a compreensão dos contextos intersubjetivos de vulnerabilidade, mas também para orientar programas, projetos e materiais para prevenção do HIV para os HSHs.

Agradecimentos

À equipe do projeto “Homossexualidades”/LabEshu.

Ao CNPq pela bolsa de produtividade em pesquisa e pelo fomento para pesquisa (processos 309265/2021-5 e 409990/2022-1) e aos programas de bolsa de iniciação científica da UFPE/CNPq e da Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia de Pernambuco (Facepe).

Referências

- ANTUNES, M.; PAIVA, V. Territórios do desejo e vulnerabilidade ao HIV entre homens que fazem sexo com homens: desafios para prevenção. *Temas em Psicologia*, v. 21, n. 3, p. 1125-1143, 2013. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5137/513751772019.pdf>
- BRASIL *Boletim Epidemiológico - Aids e DST*. Brasília: Ministério da Saúde, 2023.
- BRASIL. *Diretrizes para a organização dos serviços de saúde que ofertam a profilaxia pré-exposição sexual ao HIV (PrEP) no Sistema Único de Saúde*. Brasília: Ministério da Saúde, 2017.
- DEAN, T. Intimidades mediadas: sexo no pelo, truvada e a biopolítica de quimioprofilaxia. *REBEH*, v. 6, n. 21, p. 604-638, 2023. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rebeh/article/view/16278>
- EATON, L. et al. A strategy for selecting sexual partners believed to pose little/no risks for HIV: Serosorting and its implications for HIV transmission. *AIDS Care*, v. 21, n. 10, p. 1279-1288, 2009. Disponível em: https://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/09540120902803208?casa_token=86Wk2dRNIIIAAAAA:LJE d7nkB6iV5bgl-YRTBUqJwgy9YrzHjNgXWIK8Au7dmkwwCCIAvevLbd42CE5J_CTb65rgmtt7LKuzU
- EPIC (Meeting targets and maintaining epidemic control). *Strategic considerations for mitigating the impact of COVID-19 on key-population-focused HIV programs*. Durham (NC): FHI, 2020.
- FERRAZ, D.; PAIVA, V. Sex, human rights and AIDS: an analysis of new technologies for HIV prevention in the Brazilian context. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, v. 18, n. Suppl. 1, p. 89-103, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbepid/a/TRFLXnFqfpVFzj3xdBKPDLg/?format=pdf&lang=en>
- GALINDO, W. C. M.; FRANCISCO, A. L.; RIOS, L. F. A instrução e a relação como modos de aconselhamento em HIV/aids. *Temas em Psicologia*, Ribeirão Preto, v. 21, p. 989-1004, 2013. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5137/513751772014.pdf>
- GOMES, R. R. et al. HIV/AIDS knowledge among men who have sex with men: applying the item response theory. *Revista Saúde Pública*, v. 48, n. 2, p. 206-15, 2014. Disponível em: <https://www.scielosp.org/pdf/rsp/2014.v48n2/206-215/en>
- GRACE, D. et al. HIV-negative gay men's accounts of using context-dependent sero-adaptive strategies, *Culture, Health & Sexuality*, v. 16, n. 3, p. 316-330, 2014. Disponível em: https://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/13691058.2014.883644?casa_token=narDirj7YzcAAAAA:ZaPeULG05Qx0uaClygZj4Lny6XOyx45NMHLyj-XshbpjklXqyng5JDaVW4qxvjZ5i4LQFNEr_Ft_HDSB
- KERR, L. C. et al. HIV Prevalence among Men Who Have Sex with Men in Brazil: Results of the 2nd National Survey Using Respondent-driven Sampling. *Medicine*, v. 97, n. 1S, p. S9-S15, 2018. Disponível em: https://journals.lww.com/md-journal/_layouts/15/oaks.journals/downloadpdf.aspx?an=00005792-201805251-00011
- LUIZ, G. The use of scientific argumentation in choosing risky lifestyles within the scenario of AIDS. *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, v. 17, n. 47, p. 789-802, 2013. Disponível em: https://www.scielosp.org/article/ssm/content/raw/?resource_ssm_path=/media/assets/icse/v17n47/aop3813.pdf

NODIN, N.; LEAL, I.; CARBALLO-DIÉGUEZ, A. HIV knowledge and related sexual practices among Portuguese men who have sex with men. *Caderno de Saúde Pública*, v. 30, n. 11, p. 2423-2432, 2014.

Disponível em:

https://www.scielosp.org/article/ssm/content/raw/?resource_ssm_path=/media/assets/csp/v30n11/0102-311X-csp-30-11-2423.pdf

PAIVA, V.; ANTUNES, M. C.; SANCHEZ, M. N. O direito à prevenção da AIDS em tempos de retrocesso: religiosidade e sexualidade na escola. *Interface – Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, v. 24, p. e180625, 2020. Disponível em:

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/icse/a/Sbj4wW39xzdCHT5gnDnwxCg/?format=pdf&lang=pt>

RIOS, L. F. et al. O drama do sexo desprotegido: estilizações corporais e emoções na gestão de risco para HIV entre homens que fazem sexo com homens. *Sexualidad, Salud y Sociedad*, Rio de Janeiro, v. 32, p. 65-89, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sess/a/ktDQyXN4sThvtvqcPkryfgd/?format=pdf&lang=pt>

RIOS, L. F.; ADRIÃO, K. G. Sobre descrições, retificações e objetividade científica: reflexões metodológicas a partir de uma pesquisa sobre condutas sexuais e HIV/aids entre homens com práticas homossexuais. *Saúde e Sociedade*, v. 31, n. 1, 2022. Disponível em: <https://www.scielosp.org/article/sausoc/2022.v31n1/e210427/>

RIOS, L. F. et al. “Couro no couro”: homens com práticas homossexuais e prevenção do HIV na Região Metropolitana do Recife. *Saúde em Debate*, v. 46, n. Especial 7, p. 85-102, 2022. Disponível em:

<https://www.scielosp.org/article/sdeb/2022.v46nspe7/85-102/>

ROCHA, G. et al. Unprotected Receptive Anal Intercourse Among Men Who have Sex with Men in Brazil. *AIDS and Behavior*, v. 17, p. 1288-1295, 2013. Disponível em:

https://idp.springer.com/authorize/casa?redirect_uri=https://link.springer.com/article/10.1007/s10461-012-0398-4&casa_token=Z8ZFGd2-

[ezAAAAAA:3YxVOWecoFg9shtqHlxQO4oo0CcSdJzCHbGeDU9oHUXA0NSUYXxuRzPsrZx2Nic-0_4wYsRN99CMSaM9EA](https://idp.springer.com/authorize/casa?redirect_uri=https://link.springer.com/article/10.1007/s10461-012-0398-4&casa_token=Z8ZFGd2-ezAAAAAA:3YxVOWecoFg9shtqHlxQO4oo0CcSdJzCHbGeDU9oHUXA0NSUYXxuRzPsrZx2Nic-0_4wYsRN99CMSaM9EA)

SANTOS, L. A. et al. PrEP perception and experiences of adolescent and young gay and bisexual men: an intersectional analysis. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 39, e00134421, 2023. Disponível em:

<https://www.scielosp.org/article/csp/2023.v39suppl1/e00134421/>

SANTOS, L.; GRANGEIRO, A.; COUTO, M. A Profilaxia Pré-Exposição ao HIV (PrEP) entre homens que fazem sexo com homens: comunicação, engajamento e redes sociais de pares. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 27, p. 3923-3937, 2022. Disponível em:

https://www.scielosp.org/article/ssm/content/raw/?resource_ssm_path=/media/assets/csc/v27n10/1413-8123-csc-27-10-3923.pdf

SOUSA, A. F. et al. Casual Sex among Men Who Have Sex with Men (MSM) during the Period of Sheltering in Place to Prevent the Spread of COVID-19. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, v. 18, n. 6, p. 3266, 2021. Disponível em: <https://www.mdpi.com/1660-4601/18/6/3266/pdf>

WARNER, M. Introduction: fear of a queer planet. *Social Tex*, v. 29, p. 3-17, 1991. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/466295>

Recebido em: 05/04/2024

Aprovado em: 20/06/2024